OS DESAFIOS DA MIGRAÇÃO: AS RODAS DE CONVERSA COMO FERRAMENTA DE ACOLHIMENTO

Jacira Nhaga, Carla Craice Da Silva [1]
Carla Craice Da Silva[2]

RESUMO

A noção de provisoriedade inerente à condição de migrante trazida por Sayad (1998) desenha o quão complexo significa mudar de país. Tratando de estudantes internacionais, os paradoxos permeiam o próprio sonho de se conquistar o diploma do Ensino Superior, atravessando fronteiras físicas que, no caso da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), são oceanos com a certeza que o retorno à terra natal significará uma nova condição de vida. O projeto teve como objetivo promover o acolhimento dos migrantes no estado de Baia, em especial de estudantes da UNILAB. Diante disso, foi realizados rodas de conversas como uma ferramenta de acolhimento dos emigrantes e refugiados visto que promove debates sobre seus direitos no Brasil e assim sensibilizar a gestão pública para a questão da migração internacional. Portanto conclui-se que há Uma relação de tolerância entre os estudantes imigrantes da UNILAB e são franciscano e também há uma necessidade de dialogar com a gestão pública baiana no âmbito estadual e municipal e também pode se concluir que o projeto contribuiu de forma positiva para os imigrantes e refugiados.

Palavras-chave: Disciplinas; Estudantes; Monitoria; projeto de pesquisa.

UNILAB, Campus malês , Discente, alcionenhaga@gmail.com[1]
UNILAB, Campus dos Malês, Docente, carlacs@unilab.edu.br[2]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

Sair do seu país de origem se apresenta como uma das possibilidades, se não a principal forma, de formação no Ensino Superior para as/os jovens dos países africanos de língua portuguesa. Muitas vezes cursar a universidade e viajar se mostram como sinônimos, porém as características desta saída se alteraram ao longo do tempo, em termos de intensidade de fluxos, motivações ou as principais nações de acolhimento (GUSMÃO, 2014). O pertencer ao lugar, no caso de indivíduos na condição de migrante, não apenas tem fundamento em se aproximar culturalmente de um lugar. Pertencer também passa por como a sociedade receptora acolhe os imigrantes. O presente projeto visa trabalhar com este acolhimento dialogando com o acesso aos direitos pelos imigrantes, sensibilizar a gestão pública para a questão da migração internacional, tanto no que diz respeito aos seus direitos como dificuldades próprias enfrentadas por esse público. Uma das propostas do projeto refere-se à realização de rodas de acolhimento com imigrantes, o qual trato aqui.

METODOLOGIA

A proposta das rodas de conversa com a população migrante e refugiada em estado Bahia nasce no intuito de prestar acolhimento biopsicossocial e orientação jurídica e de assistência social a fim de fazer cumprir a Lei 13.445, também conhecida como a Nova Lei de Imigração. Além disso, as rodas de conversa também tiveram por objetivo mapear as principais dificuldades enfrentadas por essa população, como também as potências de nosso estado para acolhê-la. Assim, toma corpo o projeto Diálogos Afetivos no qual o nosso projeto de extensão participa. A roda foi mediada por três estudantes de diferentes cursos de graduação, Ciências Sociais, Psicologia e Estudo do Gênero e Diversidade objetivando a interdisciplinaridade de saberes na composição das rodas para melhor atender as demandas que surgissem no grupo. Um ponto importante na composição da mediação foi que umas das estudantes na organização das rodas era imigrante natural de Guiné Bissau e estudante da UNILAB. As rodas foram divulgadas a partir das redes sociais e os interessados participaram por livre demanda. O número de participantes oscilou muito durante os dois meses e os encontros foram supervisionados por um trio de docentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os participantes da roda trouxeram relatos importantes sobre a chegada ao Brasil. Para a maioria foi a primeira experiência como imigrantes. Dentre os participantes, alguns tinham mais conhecimentos sobre a cultura brasileira, são os estudantes oriundos de países do PALOP (País Africano de Língua Oficial Portuguesa), pois a nossa cultura tem uma certa influência nos seus países, como por exemplo sobre a música, televisão e outros. Já outros participantes quase não possuíam conhecimento da cultura brasileira antes de virem para o Brasil, por exemplo, S., estudante advindo de Mali, país de cultura distante da brasileira que não é lusofônico, o que tornou mais difícil para ele se adaptar ao Brasil. A maioria dos participantes ressaltou a familiaridade entre a cultura baiana e a dos países africanos, fato apontado como algo que auxilia no processo de adaptação. Podemos atribuir tal realidade a forte presença de etnias africanas na Bahia devido ao processo de escravização ocorrido no passado. Junto com esse contingente populacional escravizado que foi forçadamente trazido a terras baianas vieram costumes, hábitos, palavras, referências culturais e musicais, fenótipos, etc. Essa mistura que deu origem à cultura baiana hoje torna nossa terra mais calorosa e propícia a recepção de imigrantes africanos. A partir das rodas de conversa foi possível perceber que aquilo que estava posto na Lei 13.445, Art. 4°, Inciso VIII, que dispõe sobre o direito

ISSN: 2447-6161

de “acesso a serviços públicos de saúde e de assistência social e à previdência social, nos termos da lei, sem discriminação em razão da nacionalidade e da condição migratória” (BRASIL, 2017), ainda não se efetivara na prática. A Lei estabelece a cobertura integral de assistência em saúde para a população migrante refugiada, em consonância com o princípio de universalidade do SUS. Entretanto, os participantes da roda relataram uma grande dificuldade em conseguirem atendimento na rede de saúde do município de São Francisco do Conde, onde a maioria residia. Alguns exemplos são marcantes e emblemáticos e merecem ser trazidos aqui. T., jovem negro oriundo de Guiné Bissau, conta que quando ia a algum atendimento emergencial de saúde sozinho, percebia grande dificuldade em ser atendido. Disse ser recorrente pessoas que haviam chegado depois dele serem atendidas primeiro. Ele diz entender isso como xenofobia e passou a usar como estratégia de enfrentamento a companhia de um amigo brasileiro. Todas as vezes que precisava acessar o SUS contava com a companhia desse amigo e percebeu que conseguia ser atendido mais facilmente. Os participantes também disseram que em casos mais graves de saúde buscavam atendimento fora de São Francisco, em especial citam como centro de saúde de referência o Hospital Irmã Dulce localizado em Salvador, no qual não relataram terem tido dificuldades de serem atendidos. O penúltimo encontro do ciclo dos Diálogos Afetivos se destinou a tratar do acesso aos benefícios sociais, com a presença da professora Luciana Lopes. Nesse encontro, os alunos e alunas foram ouvidos e orientados de acordo com suas demandas. S., jovem, negro, de Mali, e J., jovem, negra, de Guiné Bissau, relataram ter tido o auxílio emergencial negado sob justificativa de que não residiam em território brasileiro, mesmo aqui estando, tentaram recorrer, mas não obtiveram sucesso. Não tivemos acesso às negativas apresentadas pelo Governo Federal para os jovens, mas Lopes apresenta um dado importante: o auxílio estava sendo fornecido somente a trabalhadores, a estudantes estava sendo vetado o direito. Então, essa é uma possível justificativa ventilada no grupo, mas que exigiria maior investigação. Outra questão levantada foi a dificuldade de A. e L., duas estudantes guineenses, em acessar o auxílio estudantil perene ofertado a maioria dos estudantes guineenses da UNILAB que vieram para o Brasil a partir de um programa de bolsas. A e L. ingressaram através do processo seletivo do SISU pois já haviam imigrado para o Brasil antes de entrarem na universidade. Estar fora do seu país de origem, costume e cultura gera um misto de sensações e experiências, algumas positivas e outras negativas. Isso foi facilmente percebido nos relatos feitos em cada encontro. Ficou notório que as dificuldades enfrentadas por eles aproximaram os pares criando uma rede de apoio emocional e assistencial entre os mesmos. Nesse aspecto, os alunos veteranos recepcionam os novos explicando a cultura local, costumes e comportamentos socialmente aceitáveis aqui. Em especial, relataram que a liberdade de expressão da sexualidade aqui é diferente dos seus países informando que lá o patriarcado e a heterossexualidade são dominantes, os quais causam estranhamento pela maior liberdade quanto a manifestação pública de sexualidade no Brasil.

CONCLUSÕES

No que tange ao aspecto acolhimento e preconceito ficou demonstrado uma interseccionalidade em função das diversidades culturais e idiomáticas funcionaram como elementos distanciadores e de resistência entre os nativos e os estrangeiros. Com o decorrer do tempo o estranhamento e as diferenças ao novo diminuem e a convivência é ajustada, apesar do sentimento de pertença à sociedade local permanecer afastado nas relações com os migrantes, ou seja, ocorre uma relação de tolerância, mas não necessariamente de aceitação pela população de São Francisco do Conde. Tal situação é percebida em todos os serviços acessados pelos imigrantes, seja no âmbito público ou particular. Assim, os relatos demonstram a necessidade de dialogar com a gestão pública baiana no âmbito estadual e municipal de modo a sensibilizar as autoridades quanto às

ISSN: 2447-6161

dificuldades que os imigrantes enfrentam para sobreviver e ter acesso aos serviços públicos e privados tendo em vista que migrar é um direito humano.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao financiamento obtido através do Edital PIBEAC e aos imigrantes e refugiados de Bahia participaram nas rodas de conversa.

REFERÊNCIAS

BAENINGER, R.; et al. (Orgs). Ações da Academia para migrantes. In: Migrações Sul-Sul. 2. Ed. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.

BRASIL. Lei Nº 12.289, 20 de julho de 2010. Dispõe sobre a criação da Universidade da Inte-gração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB e dá outras providências. Dispo-nível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007/2010/2010/lei/l12289.htm Acesso em 02 de dezembro de 2017.

GUSMÃO, N. M. M. Intelectuais negros: migração e formação entre conflitos e tensões. O público e o privado, v. 23, jun. 2014.

SAYAD, Abdelmalek. Imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp, 1998.

ISSN: 2447-6161